

**Dá para tirar o corpo fora?<sup>1</sup>**

**Can you get the body out?**

**¿Puedes sacar el cuerpo?**

**Peuton s'esquiver?**

### **Resumo**

Em um contexto bastante adverso da clínica dita tradicional, este artigo tem como objetivo questionar o que pode a psicanálise em acontecimentos que ultrapassam a capacidade de elaboração simbólica dos sujeitos envolvidos. A partir de um extrato clínico pretende-se relatar a experiência de trabalho da psicanálise no extramuros, trabalho executado pela Clínica do Cuidado, um modelo de atenção ao sofrimento psíquico, metodologicamente orientado pela psicanálise - e que visou o cuidado com a população de ribeirinhos, que se tornaram refugiados pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, na Amazônia, em 2016.

**Palavras chaves:** Clínica do Cuidado. Extrato clínico. Psicanálise.

### **Abstract**

In a rather adverse context of the so-called traditional clinic, this article aims to question what can psychoanalysis in events that go beyond the capacity of symbolic elaboration of the subjects involved. From a clinical extract we intend to report the work experience of psychoanalysis in extramurals, work performed by the Clinic of Care, a model of attention to psychological distress, methodologically oriented by psychoanalysis - and aimed at caring for the population of riverine people, who become refugees for the construction of the Belo Monte hydroelectric power plant in the Amazon, in 2016.

**Keywords:** Care Clinic. Clinical extract. Psychoanalysis.

### **Resumen**

En un contexto bastante adverso de la llamada clínica tradicional, este artículo pretende cuestionar qué puede hacer el psicoanálisis en eventos que van más allá de la capacidad de elaboración simbólica de los sujetos involucrados. A partir de un extracto clínico, pretendemos informar la experiencia laboral del psicoanálisis en extramuros, trabajo realizado por la Clínica de Atención, un modelo de atención a la angustia psicológica, orientado metodológicamente por el psicoanálisis, y dirigido a atender a la población de personas ribereñas, quienes se convirtieron en refugiados para la construcción de la central hidroeléctrica de Belo Monte en el Amazonas, en 2016.

**Palabras clave:** Clínica de atención. Extracto clínico. Psicoanálisis

---

<sup>1</sup> Uma versão reduzida desse trabalho foi apresentada no XXVII Fórum do Interior em Mogi das Cruzes em agosto de 2019.

## Résumé

Dans un contexte plutôt défavorable de la soi-disant clinique traditionnelle, cet article vise à interroger ce que peut la psychanalyse dans des événements allant au-delà de la capacité d'élaboration symbolique des sujets impliqués. À partir d'un extrait clinique, nous entendons faire état de l'expérience de travail de la psychanalyse en extra-muraux, travail effectué par la Clinique du Soins, un modèle d'attention portée à la détresse psychologique, orienté méthodologiquement par la psychanalyse et visant à prendre soin de la population riveraine, qui sont devenus des réfugiés pour la construction de la centrale hydroélectrique de Belo Monte en Amazonie en 2016.

**Mots-clés: Clinique du Soins. Extrait clinique. Psychanalyse.**

*“Isso (conversar) desperta a gente, faz desaparecer os pensamentos, largar o pensamento ruim. É importante, não é um luxo, falar com quem entende abre os pensamentos, muda a palavra.” (fala de um paciente atendido pela Clínica do Cuidado<sup>2</sup>, janeiro de 2017).*

### O contexto

Vou contar uma história que remonta ao Brasil de 1500, mas como ela se repete insistentemente, podemos escolher qualquer data depois desta. Para o que nos interessa aqui, escolho 1960, data que recomeça a construção de uma grande rodovia visando ligar o eixo norte e sul do citado país, com 4.355 km de extensão. Os militares da época, diga-se de passagem, os mesmo de hoje, escrevem: “A estrada está fazendo prodígios. Descobriu novas

---

<sup>2</sup> A Clínica do Cuidado foi uma estratégia articulada para atender pessoas que se tornaram não mais que corpos deportados. Sua proposição - um modelo de atenção ao sofrimento psíquico, metodologicamente orientado pela psicanálise - visou o cuidado com a população de ribeirinhos, tornados refugiados pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, na Amazônia, em 2016. Os responsáveis por sua criação foram os psicanalistas Ilana Katz e Christian Dunker e a jornalista Eliane Brum. Cf. documentário Eu +1, uma jornada de saúde mental na Amazônia, disponível no *Youtube*.

terras. Levou novos homens a novos horizontes. Estendeu a fronteira econômica do país para o meio da selva desconhecida”<sup>3</sup>. Pergunta importante: desconhecida para quem?

A estrada, a despeito das condições adversas de clima e vegetação, segue devastando o que vê pela frente, em mais uma tentativa, dentre outras que vieram antes, depois e mais ainda, de conquistar a indócil floresta. Outra perguntinha: Indócil para quem?

Nada é mencionado sobre os habitantes de lá, afinal tratava-se de “preencher imensos vazios demográficos”, o mote era: terra sem homens para homens sem terra. Pareceu aos conquistadores do século XX que toda aquela vastidão verde era terra de ninguém. Para eles, populações das florestas não eram exatamente populações. Índios e ribeirinhos não contavam. Assim a tomaram, assim a tomam no século XXI.

No entanto, por lá havia pessoas. Mas os que não eram índios, de onde vieram? De tantas outras investidas progressistas: 1880, 1930, 2016... Nada temos contra o progresso, afinal as sociedades parecem passar da natureza à cultura, sendo esta o saber e o poder que os homens adquirem para dominar a natureza e construir formas para a satisfação de suas necessidades. Mas sabemos o que Freud (1930/1972) nos ensinou sobre essa passagem, não é mesmo? Dela, resta. Restam os excluídos, os refugiados, os mortos sem nome. O mal-estar do qual Freud fala é estrutural e não conjuntural e embora ele tenha tratado sobre as formas de mal-estar da sociedade europeia da primeira guerra mundial e do entre guerras, podemos afirmar que o que se veio a constatar não se assemelha, em nada, a uma ascensão e sim a uma degradação manifesta. É aqui que estamos, com outra pergunta: o que é civilização nos dias atuais?

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mDs6PJLYVEc>. Acesso em: 11 out. 2019.

E quem eram, então, estes ocupantes de tão vasto território que pareceu aos olhos do outro desbravador, ninguém? Refugiados. Vindos em busca de vida, num eterno movimento humano, quando suas terras, por motivos diversos, não podiam mais lhes oferecer integridade, uniram-se ao montante de homens que, em momentos diversos da breve história desse país, tentaram fazer a vida no verde da Floresta Amazônica. Seja buscando terra para plantar, ouro para enriquecer ou extraindo borracha para guerras além-mar, fincaram bases e se enraizaram, constituindo junto ao saber dos índios, um modo de vida singular. Do rio tiravam a pesca, do pequeno pedaço de terra logo à margem, a plantação de subsistência e da floresta ao fundo a extração e a caça. Uma população extrativista, que tira da floresta seu sustento, só seu sustento e com isso sustentam a floresta em pé. Subjetividades construídas em que o coletivo é reconhecido e valorizado, onde vizinho é irmão e pau para toda obra, família é aquele que chega e precisa passar a noite ou alguns dias, mesmo que o sangue não se comunique. Dinheiro é para café, açúcar e algumas belezuras higiênicas, insumos buscados sempre na cidade mais próxima, de barco. Dinheiro não é para todo dia. Não é o paraíso, de maneira alguma! Os serviços básicos de saneamento e saúde são inacessíveis ou de difícil alcance. Ninguém sabe o dia de amanhã, mas o tempo tem suas marcações no movimento do rio, das colheitas e dos dias de festa.

Pulo para o último (será?) repeteco da história. Estamos em 2011, uma jornalista, Eliane Brum (El País/Brasil), escuta essa população peculiar, preocupa-se com a mais “nova” onda de progresso: a construção de uma usina hidrelétrica na região do Rio Xingu, Pará, tantas vezes adiada pelos movimentos sociopolíticos da região. Sua instalação e consequente inundação das margens do rio, efetivada em 2016, justificou a expulsão compulsória e impensada dos ribeirinhos de seus lares. A empresa responsável devolve-lhes (não a todos),

em reparação, casas de alvenaria com água encanada, em reassentamentos com ruas asfaltadas, árvores recém-plantadas e um calor de 45 graus. Nada de rio para banhar-se! Não houve cuidados mínimos de preservação dos laços sociais, impedindo os ribeirinhos de cuidar da experiência de perda a qual foram sujeitos.

A experiência coletiva, pivô dos processos identitários e de laço social para o sujeito desse território, foi propositalmente desmontada pelos responsáveis pela obra. Não havendo mais território subjetivado, retornaram à origem de seus antepassados: refugiados em seu próprio país, repetindo-se uma memória nunca inscrita. Desmobilizados, adoeceram e foram rapidamente enquadrados nos manuais de diagnóstico e estatística (DSM) e de classificação Internacional de Doenças (CID-10). Pessoas passaram a sentir-se perdidas caminhando na cidade, com tonturas, outras com alterações significativas no sono, sem falar nos problemas de pressão alta. Acontece que desenraizamento e desterritorialização não constam nesses manuais.

A ideia de pátria estende para além da questão geopolítica: rede de ligações comuns, que podem ser impostas pelo nascimento em um dado território, mas que também se constituem por laços de amizade e amor eleitos em uma experiência de liberdade em relação ao acontecimento biológico (Flusser, 2007). É nesse sentido que a população ribeirinha atingida por Belo Monte foi expatriada. Seus hábitos e suas redes relacionais foram destruídos, mesmo que tenham continuado a viver no mesmo lugar.

Mas a história continua: Eliane, escutadora de ribeirinho, encontra psicanalistas em São Paulo, que escutam o adoecer transmitido, que transmitem a alguns outros e pronto! Uma possibilidade é criada: a clínica do cuidado, estratégia para atender estas pessoas que se tornaram não mais que corpos deportados. Pergunta para nós: o que pode a psicanálise num

acontecimento como esse? Ou ela deveria tirar o corpo fora? Ou ainda: como ela põe seu corpo aí? Princípio de resposta: resgatando, através da escuta, um sujeito que se tornou invisível e excluído sob as estatísticas de saúde. Aprendemos com Freud (1917/1977) que quando a violência do impacto transborda a possibilidade de elaboração simbólica do sujeito o acontecimento assume o estatuto de trauma. Tal acontecimento que não alcança contorno simbólico tende a se repetir como eternamente presente, não se torna memória. Ao escutar essa população entendemos que a experiência de desenraizamento e a impossibilidade de contá-la e narrativizá-la entre os seus, dada as condições de dispersão coletiva imposta pela empresa, deu margem à emergência de sintomas.

Juntando alguns tantos outros, um financiamento coletivo, via internet (coisas que o progresso propicia) foi feito, possibilitando o deslocamento de 16 clínicos, um fotógrafo e Eliane para junto à população ribeirinha, um ano e meio de preparo, quinze dias para a tarefa local, da qual fiz parte. Levamos na mala o que a psicanálise nos legou sobre a estreita relação entre sofrer e constituir sintoma – ou seja, que faz parte da formação desde que ele se desligue do que o desencadeou, daí o apelo à narrativa, para que este possa ser dissolvido, tratado. Quando lá estávamos a atender os pacientes, a construção desse modelo foi sendo ajustada, quando necessário, no final de cada dia, via supervisão dos casos e troca das experiências vividas pelos *cuidantes*.

## **O texto**

Já em Altamira, antes de dormir, preocupo-me como serão os atendimentos, como atender pessoas com experiências de vida tão alheias à minha, ainda mais na casa delas. O *insabido*, *l'Unbewusst*, vem responder pelo sonho: nele atendo várias pessoas e sabia que não

eram meus pacientes e, no entanto, continuava a atendê-los. Abria a porta de meu consultório e dizia: sim, pode falar, te escuto. Este era o sonho. Esta era a vivência ali: Diga, te escuto. Diga, como você faz? Como você faz quando o chão embaixo de seus pés se abre? Diga, te escuto. Reencontro no meio do mato uma verdade diária: escutar sem buscar tamponar a divisão do sujeito tem efeitos. Nisso passei a creditar ainda mais. Sustentar a pergunta do outro, seu não-saber, sem lhe dar fechamento, traz um reconhecimento de suas inquietações e do possível por vir.

Acompanho um atendimento, por duas vezes, na beirada do rio. Acompanhar aqui quer dizer que, algumas vezes, eram muitas pessoas em um mesmo lugar, onde apenas uma ou duas estavam encaminhadas para atendimento. Assim nos dividíamos para conversar com os outros enquanto outro de nós atendia a pessoa encaminhada. Essas conversas se revelaram uma (des)norteante aproximação do modo de vida ribeirinho e é claro, às vezes, se transformava em atendimento. Chegamos depois de 45 minutos de barco, rio acima. Toda uma família havia sido reassentada e esperava as madeiras para a finalização da construção da casa. Na família cabe o pai da família, mas também sua irmã separada e seus filhos, e por que não as mulheres e filhos dos filhos da irmã? Sim, tudo isso é toda a família. E ela estava muito contente. Havia levantado três pares de escoras e coberto com lona, uma era a cozinha e as outras duas dormitórios. Já haviam queimado e roçado, o milho estava a crescer. O calor era de matar, mas eles pareciam não se importar.

Tão logo foram autorizados a voltar para de onde vieram, montaram a mesma casa, mas tão perto do rio que a cozinha começou a ser invadida pela água. Cá comigo penso que a vontade do rio, da beirada, devia ser tamanha que se errou os cálculos. É possível. Porém, mais certo é que o rio não é mais o mesmo, não obedece às secas e cheias de antes, como

fazem questão de contar. Seus antigos novos moradores, que a pouco se perdiam na cidade, agora também se perdem no rio. A navegação mudou, não se sabe onde tem pedras, os peixes diminuíram, a água parou. E eles contentes em voltar, em lutar com as coisas que manejam bem, a caça, o peixe, o roçar. Entende-se um pouco mais sobre o trabalho dos ribeirinhos e as dificuldades enfrentadas na cidade em relação a isso. Ocorre que na cidade, trabalho e viver são duas coisas distintas e afastadas. Trabalha-se e depois, ou mesmo antes, se vive. A coisa é bem delimitada. No mato e no rio, não há separação clara e é o próprio viver que é trabalho.

Escuto uma moça nova, vinte anos, tem um menino de três anos, outro de dois e uma menina de colo. Ela vai contando sua história intrincada com o local onde viveu, como era ali antes, lê-se antes da barragem, a escola que estudou, o postinho de saúde e até o campo de futebol. Tudo colocado abaixo pela possibilidade do alagamento. Sim, possibilidade, pois nem tudo alagou, mas sua história estava dentro da área de risco e então foi derrubada. Seus filhos brincam por ali, de pé no chão, sempre ao redor dela. Há muitas crianças nesse dia, umas oito. Correm de lá para cá, vão ao rio se banhar e nadar, os mais velhos cuidam dos mais novos. Pergunto do que ela sentia falta em relação à cidade. Ela para um pouco, me olha, custa a responder e diz “energia”. Sou pega de surpresa. De tantas coisas que não havia ali, ela escolhe essa? E por que não? Como disse acima, não viviam o paraíso e ansiavam por bens de consumo, por acesso facilitado aos serviços, como qualquer habitante da cidade. Ainda um pouco desconcertada, pergunto para que? Ela responde “pra assistir”. Conta-me, então, quase envergonhada, que era a favor da usina, pois imaginava o progresso, talvez aquele mostrado nas novelas de TV, e o que viu foi apenas destruição. Tentando resgatar um sujeito, digo que a cada dia se pode fazer uma nova escolha.



Ela tem um falar manso e só uma preocupação: a escola das crianças. Diz que a tia vai até Vitória do Xingu para arrumar um professor, mas que nada é certo ainda, já que não há escola construída. Saímos de lá com data para voltar e somos abençoados por uma chuva refrescante.

Alguns dias depois estamos de volta, há ainda mais crianças, dez ao todo, que distraímos munidos de lápis, canetas e papéis. Desenho pipas para o filho da menina mulher de fala mansa. Ela está ali, um pouco mais distante, balançando a menor na rede. As crianças não dão sossego, perguntam, pedem que desenhemos coisas diversas, querem que escrevamos seus nomes nos desenhos. E nós a nos distrairmos com elas. Fala mansa a nos olhar de longe. Findo o atendimento e em meio às despedidas, já na porta da casa acampamento, volto a cabeça para a menina, querendo me despedir. Ela está sentada na rede, tem um papel e uma caneta nas mãos, escreve macio e delicadamente. Acerco-me e sento num toco a sua frente. Sua letra é bonita, letra de professora, como se diz. Pergunto da escola. A tia não pôde ir ainda. Insisto na pergunta sem resposta dela: como vão fazer com as crianças sem escola? Ela não sabe.

Pergunto como era antes, quando não haviam construído a escola destruída. Era a alegria de esperar o professor chegar, com as letras e os cadernos, uma vez por semana e o brincar de professorinha com seus irmãos mais novos, fazendo os escrever e repetir as lições do professor. Será que ela não poderia fazer o mesmo agora? Neste dia, ela tinha os olhos baixos todo tempo, mas nesse momento me olha arregalado, com o espanto de quem encontrou algo que procurava em um lugar que não esperava. Mansa responde que há bem pouco tempo, ainda na cidade, havia comprado um caderno para seu filho mais velho, “desses de ligar os pontos, sabe? Para manear a mão”, mostrando que ela sabia coisas sem saber. Se

ela adianta essa resposta é por que a insistência na pergunta abriu caminho para alguma transformação: do “não há o que fazer” para “é possível fazer algo”, caminho onde ela pode se colocar para além da espera assujeitada. Digo que ela poderia começar alguma coisa até que o professor venha e que as crianças não podem esperar. Ela, já professora, me ensina “sim, pois que quando mais velhos têm vergonha de não saber ler e escrever e fica mais difícil de aprender”. Visando alguma passagem nessa imensa barragem, me despeço dizendo que comece pelos nomes de cada um.

E assim trabalhamos por lá, sem satisfazer-nos com a repetição automática do relato traumático do sujeito, embora o acolhendo; sem nos seduzir pelos relatos feitos para o deleite dos profissionais da cidade grande, embora aproveitando-nos desse suposto saber depositado em nós para que o sujeito, supondo que fala para quem sabe sobre ele, fale e possa, ao escutar-se, apropriar-se de seu discurso. Vários foram os casos atendidos onde o sujeito pôde ir mais além do lugar onde se via colocado, pois a própria exposição das ilusões que sustentavam sua posição surtia efeito na mesma, conferindo-lhe ao menos a possibilidade de questionar a inconsistência desse Outro da organização social (Rosa, 2004).

Freud construiu seu legado a partir dos impasses que surgiram e sem preguiça reformulou até o fim de sua vida as concepções que acreditou estarem enganadas. Nos ensinou com isso que a escuta e a interpretação do sujeito do desejo depende do saber que está no sujeito, ainda que ele não saiba que o tem, saber que se produz na relação dita transferencial. Desde aí, nos ensinou também que o analista escuta o sofrimento sem querer eliminá-lo e que isso pode criar uma nova posição no sujeito, uma vez que dessa escuta não se sai desatarefado: uma tomada de posição ética e política é necessária. As situações que um psicanalista se depara supõem que se escute de um lugar que transgrida os limites de um

sujeito nomeado a partir de seus predicados psicológicos ou sociológicos, “para resgatar a experiência compartilhada com o outro, escuta como testemunho e resgate da memória” (Rosa, 2004, p. 11). O lugar do analista é estar à serviço da questão que se apresenta, dentro dos fenômenos sociais que incluem as subjetividades de seu tempo, e não ele pode tirar o corpo fora.

### **Referências bibliográficas**

Flusser, V. (2007). *Habitar a casa na apatridade*. São Paulo: Annablume.

Freud, S. (1917) *O mal-estar da civilização*. Edição Brasileira das Obras Completas de S. Freud, V. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1977). 18ª Conferencia La fijación al trauma, lo inconciente. In: Freud, S. *Obras Completas*, vol. XVI. Buenos Aires: Amorrurtu Editores.

Rosa, M.D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. In: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. IV, n.2, p. 329-348.